

# “ONTEM EU NÃO SAIR”: O GRAFEMA R FINAL EM VERBOS FLEXIONADOS COMO MARCADOR DE TONICIDADE

Luisa Andrade Gomes Godoy<sup>1</sup>

Pâmella Alves Pereira<sup>2</sup>

Valéria dos Santos Fernandes<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo discorrer sobre a ocorrência do grafema R em final de verbos flexionados. Partimos da hipótese de que esse fenômeno não é um caso de hipercorreção, como argumentam diferentes estudos sobre o assunto. Para isso, foram coletados dados por meio de um experimento em formato de questionário, com 92 participantes, em uma comunidade digital *online*, em dezembro de 2018. Na análise dos dados, observamos que o grafema R em verbos flexionados ocorre preferencialmente em oxítonos curtos (uma ou duas sílabas) e é produzido em geral por pessoas acima de 25 anos sem ensino superior. Essa relação com a tonicidade nos mostra que há algum tipo de representação fonológica sendo acionada na recorrência do grafema R. Entendemos que o grafema R, em exemplos como *Ontem eu não sair*, pode estar sendo usado como um diacrítico marcador de tonicidade, à semelhança do acento gráfico. Na revisão da literatura sobre o tema, vimos, inclusive, que o fenômeno ocorre em palavras oxítonas de outras classes gramaticais, além do verbo, como *olar*, *vocer*, *sofar* e *cafer*.

**Palavras-chave:** Ortografia; Grafema R; Hipercorreção; Tonicidade.

## Introdução

Um fenômeno ortográfico observado recentemente no português é o uso do grafema R no final de verbos flexionados, como em *Ontem eu não sair*, que desvia da norma ortográfica vigente, no lugar de *Ontem eu não saí*, forma que segue o padrão ortográfico oficial. Esse fenômeno ganhou visibilidade em tempos de popularização de redes sociais em ambiente *online*, o que motivou a pesquisa embrionária de Fernandes (2016). No respectivo estudo, houve a coleta assistemática de ocorrências do fenômeno em 31 *prints* de postagens publicadas no *Facebook* (*posts* informais e comentários pessoais acessíveis publicamente). Algumas das postagens coletadas continham as seguintes ocorrências:

---

1 Doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG

2 Doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG

3 Licenciada em Letras pela UFVJM

- (1) ...que Deus te **der** muitos anos de vida...
- (2) ...**aprender** a sorrir, porque chorar já nasci sabendo...
- (3) ...gente sem educação igual ela com certeza **irar** votar para ela ficar...
- (4) ...olha só o que eu **descobrir**...
- (5) ...já **pedir** pra cancelar essa internet...
- (6) ...é isso que **dar**...
- (7) ...vou mandar um email pra ela ver quando posso **entregar-la**...
- (8) ...o tempo passa e a gente nem **ver**...

A observação desses dados preliminares permitiu que se delineassem duas hipóteses explicativas para o fenômeno: a hipótese da hipercorreção e a hipótese da utilização do grafema R como marcador de tonicidade. A proposta deste estudo é argumentar a favor da segunda hipótese. Antes, porém, apresentaremos, na seção seguinte, uma revisão da literatura sobre o fenômeno da inserção do grafema R em finais de verbos flexionados como um caso de hipercorreção e ressaltaremos, a partir de diferentes pesquisas sobre o assunto, os argumentos a favor da hipótese do R como marcador de tonicidade.

## 1 Hipercorreção?

O acréscimo do R em finais de verbos flexionados, como *dar (dá)*, *ler (lê)* e *conseguir (consegui)*, é compreendido como casos de hipercorreção (HOUAISS, 1970; CESAR, 2018). De fato, parece haver uma relação desse fenômeno com o apagamento do R em final de verbos infinitivos: o indivíduo sabe que verbos infinitivos têm R na escrita, mas não na fala (fala-se *Vou fazer o trabalho*, mas se escreve *Vou fazer o trabalho*), e isso pode levá-lo a pensar que verbos flexionados oxítonos também terão esse R na escrita, e não na fala (fala-se *Eu saí ontem*, mas se escreve *Eu sair ontem*).

Cesar (2018, p. 292) explica que

Uma vez que a queda do /R/ é bastante expressiva nos verbos, seu uso hipercorretivo também ocorre com frequência. O aprendiz reconhece como ‘erro’ de norma-padrão a omissão do /R/ em posição de coda silábica, passando a compensá-lo pelo acréscimo de /R/ em final de qualquer vocábulo que perceba como verbo.

[...]

Bortone e Alves (2014, p. 180) exemplificam o fenômeno do acréscimo do /R/ na seguinte frase: ‘ele dar comida aos peixinhos?’. Explicam que o autor dessa frase, no caso, um aluno, está buscando adequar-se aos padrões ensinados no ambiente escolar, ou seja, almeja adotar modelos de prestígio na sua escrita e ao tentar aplicar a regra do uso do /R/ em final verbal, o estudante se monitora para produzir, por exemplo, “falar” ao invés de “falá”.

Vale ressaltar que a hipercorreção é entendida como uma tentativa de falar ou escrever, conforme uma variante linguística de prestígio. Labov (2008) mostrou que a hipercorreção ocorre predominantemente em classes intermediárias, em estilos de fala mais formais, e está relacionada a um valor negativo atribuído por essas classes a certas variantes da língua, das quais elas mesmas fazem uso no dia a dia, e a uma supervalorização das variantes que essas classes consideram próprias de uma classe social superior. Calvet (2002) explica que os indivíduos, quando reconhecem seu próprio modo de falar como desprestigiado socialmente (insegurança linguística), tentam adquirir o modo de falar de prestígio. Esse processo “pode gerar uma restituição exagerada das formas prestigiosas: a hipercorreção” (CALVET, 2002, p. 77). Assim, pode-se dizer que a hipercorreção ocorre entre aqueles que têm certo grau de conhecimento sobre a estrutura da língua e preocupação com correções gramaticais e ortográficas.

No trabalho preliminar de Fernandes (2016), a hipótese de um procedimento de hipercorreção, ao se colocar o grafema R em verbos flexionados, foi questionada, pois a pesquisadora verificou um número significativo de ocorrências desse R na escrita, em ambiente digital, especificamente na rede social *Facebook*, em contextos informais, familiares e descontraídos. Não parece haver, nesses casos, uma busca pela formalidade linguística, pela correção baseada nas formas de prestígio, como se espera nos contextos de hipercorreção.

Diante disso, surge a seguinte questão: por que falar em hipercorreção quando o acréscimo do grafema R em final de verbos flexionados ocorre, como observado em Fernandes (2016), em contextos informais de uso da língua escrita, como conversas íntimas e familiares em aplicativos de telefone e em postagens descontraídas em redes sociais?

As ocorrências de acréscimo do grafema R parecem seguir um padrão que nos leva a acreditar na hipótese de que esse R seja um marcador de tonicidade. Não descartamos, porém, uma influência do apagamento do R no infinitivo com manutenção do R na escrita: é possível que o fato de saber que verbos infinitivos têm R na escrita (mas não na fala) leve o indivíduo a pensar que verbos flexionados oxítonos também o terão.

Vale observar que os verbos flexionados que recebem o R são, na maioria das vezes, terminados em *-a*, *-e* ou *-i* (como *dá*, grafado como *dar*, *lê*, grafado como *ler* e *consegui*, grafado como *conseguir*). Parece-nos, então, tratar-se de uma analogia com a grafia dos verbos no infinitivo que, em sua maioria, no português, têm as terminações *-ar*, *-er* e *-ir* (FERNANDES, 2016, p. 6).

O apagamento do R em verbos infinitivos no português, conforme apontam Callou, Moraes e Leite (1998), não é recente. Os pesquisadores observaram tal fenômeno nas peças de Gil Vicente, no século XVI, para marcar a fala dos escravos. Esse fenômeno se expandiu e, segundo os autores, aparece, hoje, na fala dos vários estratos sociais. Nesse trabalho, os autores concluíram que o apagamento do R

final mostra uma mudança linguística, nos termos labovianos, de baixo para cima, em variação estável, o que significa um processo sem marcas de classe social, isto é, sem estigma social a quem o utiliza oralmente. Isso nos mostra que, de fato, os indivíduos, em geral, reconhecem, na fala, o fenômeno do apagamento do R em final de verbos infinitivos.

Quando o apagamento do R final aparece na escrita, o grau de escolaridade parece influenciar sua ocorrência. Torres e Oliveira (2015, p. 206) analisaram o apagamento e a realização do R em final de palavras, em textos escritos de alunos dos 6º e 9º anos do Ensino Fundamental e alunos do 3º ano do Ensino Médio. Seus resultados mostram a importância do ano escolar para a implementação do apagamento do R: quanto maior o nível de escolaridade, menor o índice de apagamento do R final. O mesmo foi verificado por Costa (2009). Em sua pesquisa, a autora confirmou a hipótese de que alunos da série mais avançada apagarão menos R na escrita, “conforme demonstram vários estudos sobre língua falada que associam a predominância de formas linguísticas padrão a falantes com mais anos de escolarização” (COSTA, 2009, p. 5).

Quando se trata do acréscimo, na escrita, do R no final de verbos flexionados, perguntamo-nos: haveria também uma relação desse fenômeno com o tempo de escolarização do indivíduo? Qual seria o valor social atribuído à grafia com R em final de verbos flexionados? Neste trabalho, apontamos um indício de que a escolaridade pode influenciar o fenômeno em análise.

Ainda sobre o apagamento do R em final de palavras, Callou, Moraes e Leite (1998) salientam que o fenômeno ocorre com mais frequência em verbos infinitivos e nas 1ª e 3ª pessoas do futuro do subjuntivo, isto é, em formas verbais que apresentam o R final e tonicidade na sílaba que contém esse R. Trata-se do apagamento de um material fonológico que carrega informação morfológica. Acreditamos que esse fato esteja associado a uma perda gradativa do valor morfológico do R final dos verbos e uma associação desse R, na escrita, a um valor fonológico que, no caso, seria a tonicidade do segmento da palavra. Esse valor fonológico do R final, inclusive, pode estar influenciando ocorrências escritas não só de verbos, como *dar* (*dá*), *ler* (*lê*) e *conseguir* (*consegui*), mas também de nomes, como *você* (*você*) (exemplo atestado em CESAR, 2018, p. 292), e *ater* (*atê*) e *sofar* (*sofá*) (exemplos atestados em BORTONE e ALVES, 2014, p. 180).

## 2 Marcação de tonicidade?

Para levantar mais indícios que corroborem a hipótese de que o R em final de verbos flexionados é um marcador de tonicidade, e não necessariamente um caso de hipercorreção, descrevemos primeiramente os dados coletados em uma comunidade digital *online* (seção 2.1) e, em seguida, analisamos qualitativamente fatores sociais e intralinguísticos (seção 2.2) do *corpus*. Buscamos verificar o que pode determinar, na escrita atual, o uso do grafema R no final de verbos flexionados

e, assim, levantar argumentos que ajudem a sustentar a hipótese de que esse R é um marcador de tonicidade.

## 2.1 Os dados

Partimos de uma coleta de dados feita por meio de questionário aplicado a falantes de Diamantina (MG) e região no mês de dezembro de 2018. O instrumento de pesquisa foi elaborado para se levantar um maior número de dados em relação ao trabalho anterior de Fernandes (2016), e para que se pudesse excluir a possibilidade de erro de digitação ou de atuação de corretores ortográficos automáticos, já que a coleta preliminar de 2016 continha apenas frases digitadas por usuários das redes sociais. No questionário, os informantes tinham que optar por uma terminação verbal que julgassem ser a mais correta, com ou sem o R final, sem a influência de qualquer tipo de consultor ou corretor ortográfico.

Foi elaborado um total de 12 frases com verbos comuns, sendo seis deles os mais recorrentes na primeira coleta (FERNANDES, 2016). Consideraram-se verbos com uma, duas e três sílabas, sendo três paroxítonos e nove oxítonos, e terminados em -a(r), -e(r) e -i(r), como *deixa(r)*, *dê(r)* e *recebi(r)*. Para cada uma dessas terminações, foi inserido um verbo no infinitivo (*chorar*, *receber* e *sair*) para desviar a atenção do informante do fenômeno testado.

A pesquisa contou com a participação de 92 informantes, caracterizados quanto à faixa etária (18 anos ou menos; 18 a 25; 25 ou mais), à escolaridade (ensino fundamental, médio e superior, completos ou incompletos) e ao tipo e frequência de uso das redes sociais. A seguir, encontram-se as frases e as opções de grafias de verbos que foram usados no formulário, bem como os números produzidos na pesquisa.

### Terminação em -a(r):

1) “Ana, \_\_\_\_\_ como está.”

- a) Deixa
- b) Deixar

2) “É isso que \_\_\_\_\_ não estudar para a prova.”

- a) Dá
- b) Dar

3) “João, \_\_\_\_\_ não vai resolver seus problemas.”

- a) Chora
- b) Chorar

4) “Pedro, você ainda \_\_\_\_\_ ela?”

- a) Ama
- b) Amar

Sobre os verbos com terminação em -a(r), as grafias adequadas à ortografia padrão são, respectivamente, *deixa*, *dá*, *chorar* e *ama*. Nas questões 1, 2 e 4, o verbo está flexionado e, na ortografia padrão, não há R final. A opção pela forma com R seria um dado do fenômeno em foco. A questão 3 é a que desvia a atenção nesse grupo, estando o verbo no infinitivo. Vejamos os resultados numéricos obtidos para esses casos:

**Quadro 1:** Dados do teste sobre a presença/ausência de R final em verbos terminados em -a(r).

Verbo	Grafia sem o R final	Grafia com o R final	Total
1. DEIXA/DEIXAR	90	2	92
2. DÁ/DAR	80	12	92
3. CHORA/CHORAR (dado para desvio de atenção)	4	88	92
4. AMA/AMAR	92	0	92

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Entre as opções *deixa* e *deixar* da primeira frase, dois dos 92 informantes escolheram a opção *deixar*. Na segunda frase, entre as opções *dá* e *dar*, 12 dos 92 informantes escolheram a opção *dar*. Na terceira frase (desvio), entre as opções *chora* e *chorar*, 88 dos 92 informantes escolheram a opção *chorar*. Na quarta frase, entre as opções *ama* e *amar*, todos os 92 informantes escolheram a opção *ama*.

#### **Terminação em -e(r):**

5) “Ana, você ainda \_\_\_\_\_ por ele?”

- a) Sofre
- b) Sofrer

6) “Você \_\_\_\_\_ ele amanhã?”

- a) Vê
- b) Ver

7) “Caso não \_\_\_\_\_ certo, ele vai voltar para casa.”

- a) Dê
- b) Der

8) “Você poderia \_\_\_\_\_ esse papel?”

- a) Recebe
- b) Receber

Dos verbos com terminação em -e(r), as grafias adequadas à ortografia padrão são, respectivamente, *sofre*, *vê*, *dê* e *receber*. Nas questões 5, 6 e 7, o verbo está flexionado, e na ortografia padrão não tem R: a opção pela forma com R seria um dado do fenômeno em foco. A questão 8 é a que desvia a atenção nesse grupo, estando o verbo no infinitivo.

**Quadro 2:** Dados do teste sobre a presença/ausência de R final em verbos terminados em -e(r).

Verbo	Grafia sem o R final	Grafia com o R final	Total
5. SOFRE/SOFRER	92	0	92
6. VÊ/VER	84	8	92
7. DÊ/DER	68	24	92
8. RECEBE/RECEBER (dado para desvio de atenção)	3	89	92

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Na questão 5, entre as opções *sofre* e *sofrer*, nenhum dos 92 informantes escolheu *sofrer*. Já na frase 6, entre as opções *vê* e *ver*, 8 dos 92 informantes escolheram a opção *ver*. Na frase 7, entre as opções *dê* e *der*, 24 dos 92 informantes escolheram a opção *der*. Na questão 8 (desvio), entre as opções *recebe* e *receber*, 89 dos 92 informantes escolheram a opção *receber*.

### Terminações em -i(r):

9) “Já \_\_\_\_\_ muito hoje!”

- a) Ri
- b) Rir

10) “Também não \_\_\_\_\_ meu salário.”

- a) Recebi
- b) Recebir

11) “Já \_\_\_\_\_ meu celular pela internet.”

- a) Pedi
- b) Pedir

12) “Você vai \_\_\_\_ hoje?”

- a) Sai
- b) Sair

Sobre os verbos com terminação em -i(r), as grafias adequadas à ortografia padrão são, respectivamente, *ri*, *recebi*, *pedi* e *sair*. Nas questões 9, 10 e 11, o verbo está flexionado, e na ortografia padrão não tem R: a opção pela forma com R seria um dado do fenômeno em foco. A questão 12 é a que desvia a atenção nesse grupo, estando o verbo no infinitivo.

**Quadro 3:** Dados do teste sobre a presença/ausência de R final em verbos terminados em -i(r).

Verbo	Grafia sem o R final	Grafia com o R final	Total
9. RI/RIR	75	17	92
10. RECEBI/RECEBIR	91	1	92
11. PEDI/PEDIR	79	13	92
12. SAI/SAIR (dado para desvio de atenção)	1	91	92

Fonte: Elaborada pelas autoras.

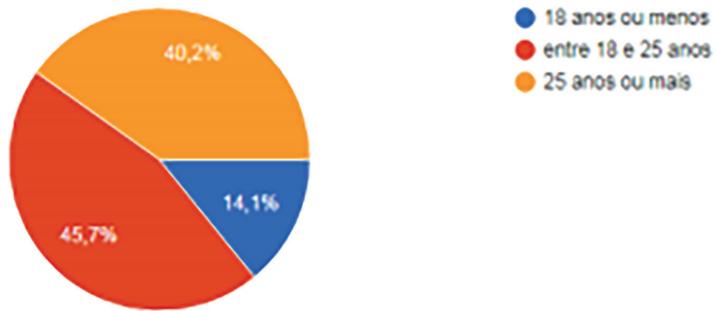
Na questão 9, entre as opções *ri* ou *rir*, 17 dos 92 informantes escolheram a opção *rir*. Na frase 10, entre as opções *recebi* e *recebir*, um dos 92 informantes escolheu a opção *recebir*. Na frase 11, entre as opções *pedi* e *pedir*, 13 dos 92 informantes escolheram a opção *pedir*. Por fim, na última frase (desvio), entre as opções *sai* e *sair*, 91 dos 92 informantes escolheram a opção *sair*.

Sobre os dados dos informantes no que diz respeito à idade, escolaridade, redes sociais mais utilizadas e frequência de uso dessas redes sociais, há o seguinte resultado: 13 informantes com 18 anos ou menos, 42 entre 18 e 25 anos e 37 informantes com 25 anos ou mais. Quanto à escolaridade do falante: 13 com ensino médio incompleto, 22 com ensino médio completo, 22 com ensino superior incompleto, 34 com ensino superior completo, um com ensino fundamental incompleto e não houve participantes com (somente) ensino fundamental completo. Com relação à rede social mais usada: 91 responderam *Whatsapp*, 52 responderam *Facebook* e *Instagram* e 11 escolheram *Twiter*. Por fim, na frequência de uso dessas redes sociais, 85 informantes responderam que usam várias vezes ao dia, seis disseram usar uma vez ao dia em média e uma pessoa informou que usa redes sociais apenas algumas vezes na semana. Abaixo, encontram-se os gráficos dos dados dos fatores sociais que foram mencionados acima.

**Gráfico 1:** Idade dos informantes .

## Idade

92 respostas

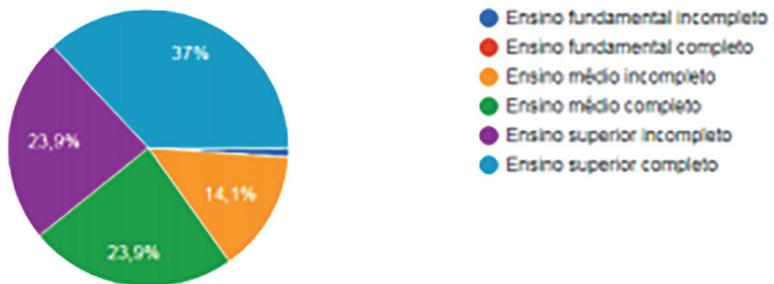


Fonte: Elaborada pelas autoras.

**Gráfico 2:** Escolaridade.

## Escolaridade

92 respostas

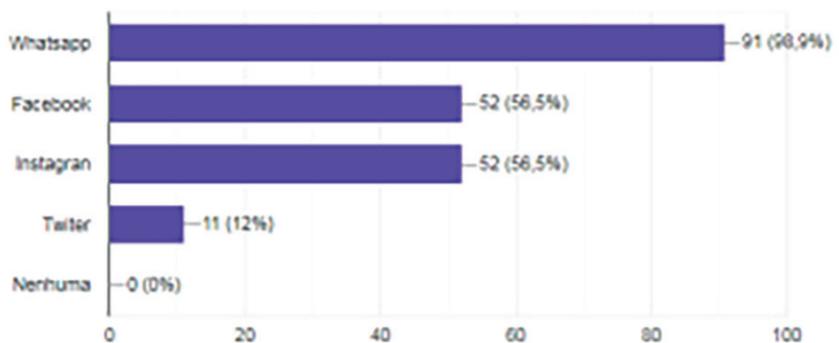


Fonte: Elaborada pelas autoras.

**Gráfico 3:** Redes sociais que mais utiliza.

## Que rede(s) social(ais) você mais utiliza?

92 respostas

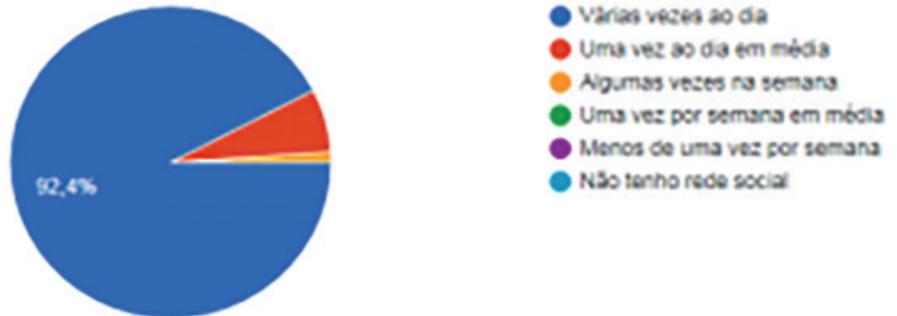


Fonte: Elaborada pelas autoras.

**Gráfico 4:** Frequência de uso das redes.

## Com que frequência você as utiliza?

92 respostas



Fonte: Elaborada pelas autoras.

## 2.2 Análise qualitativa

Para a análise qualitativa dos dados, consideramos fatores sociais e intralinguísticos, e cada um deles será explicado separadamente. Interessa-nos a seguinte pergunta: o que determina, na escrita atual, que se use o grafema R ao final de verbos flexionados? Como vimos, acreditamos que esse R apresenta um valor fonológico, marcando a tonicidade da última sílaba de verbos flexionados. Na análise qualitativa desenvolvida a seguir, argumentamos pela pertinência dessa hipótese.

### 2.2.1 Fatores intralinguísticos

De forma geral, dos 828 *tokens* de verbos sem o R final (excetuando-se os desvios), 77 ocorreram com R: 9,3% das ocorrências. Ou seja, não se trata de erro de digitação ou da atuação do corretor ortográfico automático, nem de ocorrência pontuais e aleatórias, mas, sim, de um fenômeno de fato recorrente.

Foram selecionados os seguintes fatores estruturais para observação: posição da sílaba tônica do verbo; terminação do verbo em *-a(r)*, *-e(r)* ou *-i(r)* e número de sílabas do verbo. Vejamos os resultados:

**Quadro 4:** Presença de R final em verbos flexionados oxítonos e paroxítonos.

Verbos oxítonos	Grafia com o R final		Verbos paroxítonos	Grafia com o R final	
	n.	%		n.	%
DÁ(R)	12/92	13%	DEIXA(R)	2/92	2%
VÊ(R)	8/92	9%	AMA(R)	0/92	0
DÊ(R)	24/92	26%	SOFRE(R)	0/92	0
RI(R)	17/92	18%	<b>Total</b>	2/77	3%
RECEBI(R)	1/92	1%			
PEDI(R)	13/92	14%			
<b>Total</b>	75/77	97%			

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Observamos que a ocorrência do fenômeno com verbos oxítonos é muito maior do que com verbos paroxítonos: 97% do total de dados ocorreram com verbos oxítonos, enquanto apenas 3% ocorreram com verbos paroxítonos. Por exemplo, dentre as opções *dê* e *der* na frase *Caso não \_\_\_ certo, ele vai voltar para casa*, 26% dos informantes optaram pela terminação com R final, quando a opção sem o R final seria a adequada à norma ortográfica. Já no caso de verbos paroxítonos, como na opção entre *sofre* e *sofrer* na frase *Ana, você ainda \_\_\_ por ele?*, 100% das ocorrências foram sem o R final. Esses resultados mostram, portanto, um indício de que o fenômeno do R final em verbos flexionados tem relação com a tonicidade, ocorrendo em sua grande maioria nas sílabas finais tônicas.

Nossa hipótese é que há, nesses casos, uma analogia com verbos no infinitivo, que são oxítonos e grafados com R final. Acreditamos que a inserção do R, no final de verbos flexionados, está relacionada à marcação de tonicidade. Ele funcionaria, portanto, como um diacrítico, uma vez que não tem valor de fonema. Por enquanto, os resultados indicam que o fato de a palavra ser oxítônica influencia a ocorrência do fenômeno em análise.

Sobre as terminações verbais em *-a(r)*, *-e(r)* e *-i(r)*, temos o seguinte resultado:

**Quadro 5:** Presença de R final em verbos flexionados terminados em -a(r), -e(r) e -i(r).

Verbos terminados em -a(r)	Grafia com o R final		Verbos terminados em -e(r)	Grafia com o R final		Verbos terminados em -i(r)	Grafia com o R final	
	n.	%		n.	%		n.	%
DÁ(R)	12/92	13%	VÊ(R)	8/92	9%	RI(R)	17/92	18%
DEIXA(R)	2/92	2%	DÊ(R)	24/92	26%	PEDI(R)	13/92	14%
AMA(R)	0/92	0%	SOFRE(R)	0/92	0%	RECEBI(R)	1/92	1%
<b>Total</b>	14/77	18%	<b>Total</b>	32/77	42%	<b>Total</b>	31/77	40%

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Sobre as formas em -a(r), os *tokens* do R final de verbos flexionados somam 18% das ocorrências; nas terminações em -e(r), somam 42% das ocorrências e, por fim, nas terminações em -i(r), somam 40% das ocorrências. É importante ressaltar que, neste estudo, só apresentamos números referentes aos dados do fenômeno estudado, excluindo os dados usados como desvio. Não parece ser possível afirmar que a terminação em -a(r) tende a não favorecer a presença desse R final. Dos três verbos escolhidos (*dá*, *deixa* e *ama*), dois são paroxítonos, e vimos anteriormente que isso pode ter influenciado a pouca presença de R final nesses verbos na comparação com os verbos terminados em -e(r) e -i(r).

Vale ressaltar os resultados obtidos para o verbo *dê(r)* (quadro 4): 26% dos informantes optaram pela grafia com R final. Provavelmente, a escolha pelo verbo *der* pode ter sido motivada por uma dúvida em relação a que conjugação verbal usar na frase em questão (*Caso não \_\_\_ certo, ele vai voltar para casa*), e não completamente devido à tonicidade, como ocorre, por exemplo, com a forma *rir*, no lugar de *ri*, ou *dar*, no lugar de *dá*.

Salientamos, ainda, o resultado obtido para o verbo *recebi(r)*. Apenas 1% dos informantes optou por *recebir* na frase *Também não \_\_\_ meu salário*. Trata-se de uma forma verbal (*recebir*) que não está prevista nas regras oficiais da língua para nenhuma flexão ou forma nominal do verbo *receber*. Isso pode ter influenciado a baixa ocorrência do R final para esse verbo. O mesmo não ocorre com os demais verbos testados: *dar*, *deixar*, *amar*, *ver*, *der*, *sofrer*, *rir*. Esses estão de acordo com a ortografia oficial do português, seja como formas no infinitivo, seja como alguma flexão do verbo, como o futuro do subjuntivo, por exemplo.

Outro fator selecionado foi o número de sílabas do verbo. Os resultados encontram-se no quadro a seguir.

**Quadro 6:** Presença de R final em verbos flexionados monossílabos, dissílabos e trissílabos.

Verbos monossílabos	Grafia com o R final		Verbos dissílabos	Grafia com o R final		Verbos trissílabos	Grafia com o R final	
	n.	%		n.	%		n.	%
DÁ(R)	12/92	13%	PEDI(R)	13/92	14%	RECEBI(R)	1/92	1%
VÊ(R)	8/92	9%	DEIXA(R)	2/92	2%	<b>Total</b>	1/77	1,3%
DÊ(R)	24/92	26%	AMA(R)	0/92	0			
RI(R)	17/92	18%	SOFRE(R)	0/92	0			
<b>Total</b>	61/77	79,2%	<b>Total</b>	15/77	19,5%			

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A princípio, podemos dizer que houve maior número de ocorrências do R final em verbos flexionados monossílabos. No total, foram 61 ocorrências, o que equivale a 79,2% do total de dados, enquanto a grafia com R final em verbos flexionados dissílabos totalizaram 19,5% e, em verbos trissílabos, 1,3%. Se compararmos apenas os verbos com a última sílaba tônica (pois, como vimos, o fato de serem paroxítonos, não favorece o fenômeno em estudo), temos ainda a maior ocorrência em verbos monossílabos. Por fim, se observarmos apenas os casos de verbos terminados em *-i(r)* - *ri(r)*, *pedi(r)* e *recebi(r)* -, todos oxítonos, também o monossílabo apresenta maior ocorrência de grafia com R final. Esses dados nos mostram, portanto, um indício de que o tamanho do verbo pode influenciar a presença/ausência do R final em verbos flexionados.

### 2.2.2 Fatores sociais

Excetuando-se os desvios, o formulário apresentava nove possibilidades de o informante escolher um verbo flexionado com ou sem R final. O informante que mais optou pelo verbo flexionado com R final, para completar as frases, fez essa escolha sete (das nove) vezes. Em segundo lugar, um outro informante fez essa escolha cinco vezes. Em terceiro, cinco informantes fizeram essa escolha três vezes. Em quarto lugar, 13 informantes escolheram duas vezes e, em quinto lugar, 24 informantes escolheram apenas um verbo flexionado com R final. Por fim, 48 informantes não escolheram nenhuma das nove opções de verbos flexionados com R final.

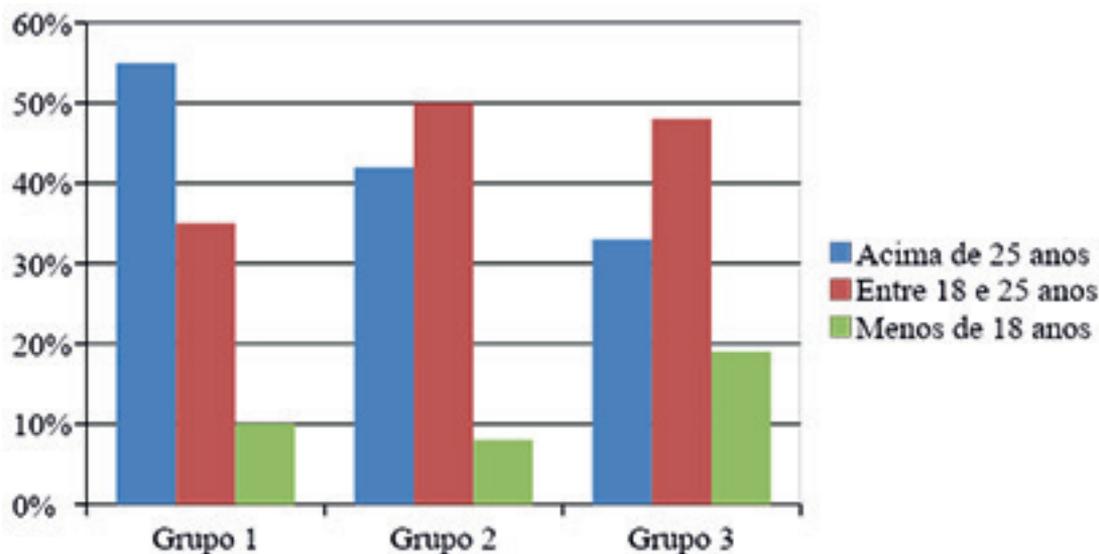
Ao cruzar os dados quantitativos dos fatores sociais com os internos, chegamos a uma divisão dos 92 informantes em três grupos, conforme o *ranking* acima. O primeiro grupo, composto por 20 informantes, escolheu mais de uma vez o R final. O segundo grupo, constituído por 24 pessoas, optou pelo R final apenas uma vez. O terceiro grupo, formado por 48 membros, é dos informantes que não escolheram nenhuma forma verbal flexionada com R final. O primeiro e segundo

grupos, somados, têm 44 membros. Assim, 48% dos informantes confirmaram a existência do fenômeno, enquanto 52% não o reconheceram.

O grupo 2 é um grupo intermediário. A maioria das pessoas que escolheu o R apenas uma vez o fez com o verbo *der* (*Caso não \_\_\_\_\_ certo, ele vai voltar para casa*). A escolha pelo verbo *der* pode ter sido motivada por uma dúvida em relação a que conjugação verbal usar na frase em questão, como já foi mencionado. Um total de 15 das 24 ocorrências nesse grupo 2 se deram na escolha da forma *der* na referida frase. Assim, é possível que esses 15 informantes, na verdade, se encaixariam melhor no grupo 3, dos que não reconhecem o fenômeno. De fato, o grupo 2 se comporta de maneira semelhante ao grupo 3.

Ao avaliar os fatores sociais, chegamos às seguintes conclusões: dois fatores parecem ser mais relevantes: a idade e a escolaridade. No primeiro grupo, 55% dos informantes têm idade maior de 25 anos, 35% são jovens entre 18 a 25 anos e 10% têm menos de 18 anos. No grupo 2, 42% dos informantes têm idade acima de 25 anos, 50% são jovens entre 18 e 25 anos e 8% têm menos de 18 anos. No grupo 3, 33% dos informantes têm idade acima de 25 anos, 48% de jovens entre 18 e 25 anos e 19% com menos de 18 anos. Esses valores ficam mais claros no gráfico 5 a seguir.

**Gráfico 5:** Idade nos grupos 1, 2 e 3 (ranking de escolha do R final).



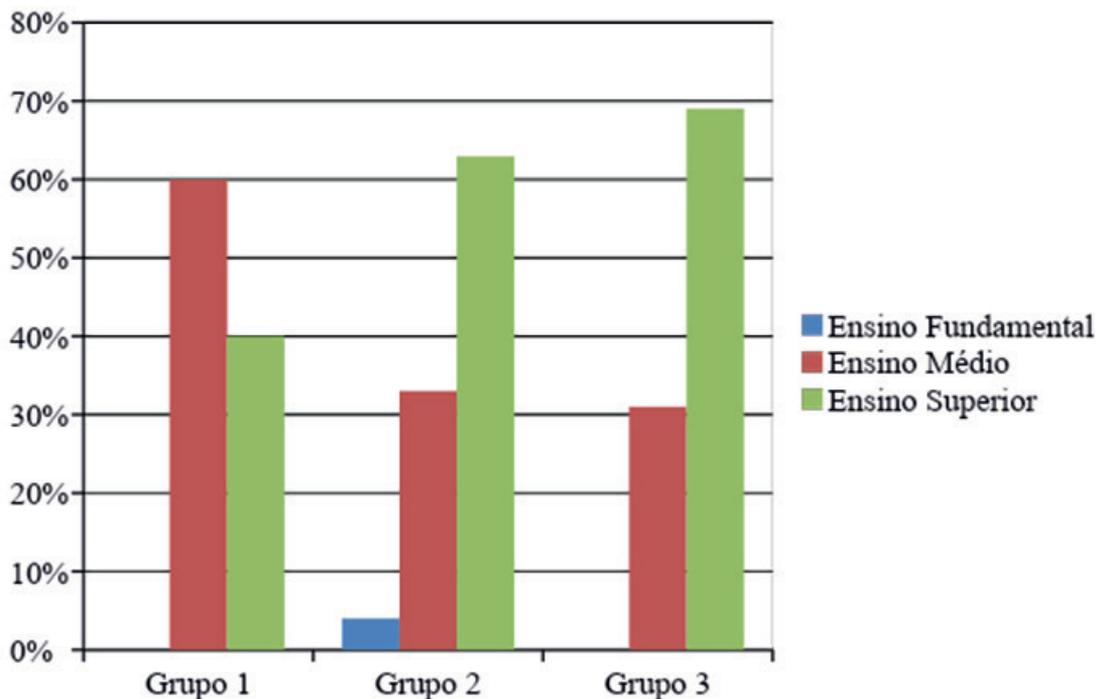
Fonte: Elaborada pelas autoras.

O gráfico 5 indica que o fenômeno, em análise, ocorre preferencialmente na ortografia de indivíduos acima de 25 anos. É preciso, no entanto, uma análise mais ampla, abrangendo faixas etárias de pessoas idosas, para avaliarmos melhor a relação entre a idade e a presença de R no final de verbos flexionados.

Com relação à escolaridade, foram considerados três subfatores: ensino superior (completo ou incompleto), ensino médio (completo ou incompleto) e

ensino fundamental (completo ou incompleto). No grupo 1, 60% dos informantes têm ensino médio e 40% ensino superior. No grupo 2, 33% dos informantes têm ensino médio, 63% ensino superior e 4% têm ensino fundamental. No grupo 3, 31% têm ensino médio, 69% ensino superior. No seguinte gráfico, expomos essas informações quanto ao nível de escolaridade dos informantes.

**Gráfico 6:** Escolaridade dos participantes da pesquisa (*ranking* de escolha do R final).

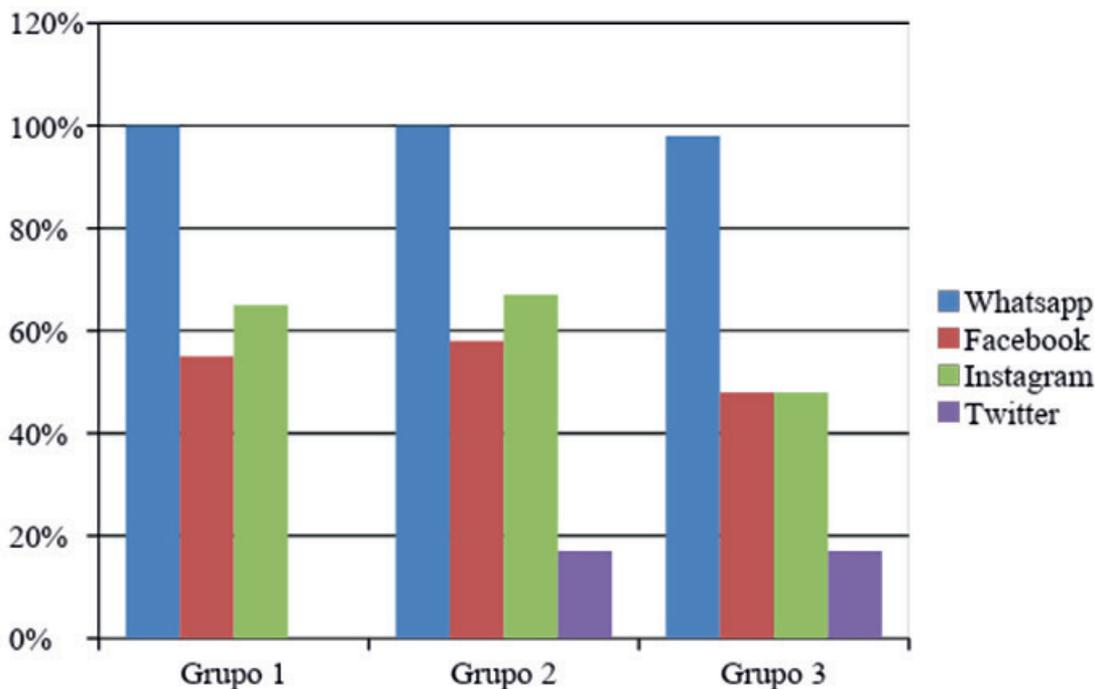


Fonte: Elaborada pelas autoras.

O gráfico 6 mostra que indivíduos com (no máximo) ensino médio tendem a inserir o R em final de verbos flexionados com mais frequência do que indivíduos com ensino superior. Trata-se de um indício de que a escolaridade pode influenciar o fenômeno, ou seja, quanto maior a escolaridade, menor a probabilidade de ocorrência do R final em verbos flexionados. Em pesquisa futura, mais informantes com ensino fundamental devem ser selecionados para que se possa verificar se é predominante a ocorrência de tal fenômeno na escrita deles.

Não parece ser relevante a frequência de uso das redes (alta nos três grupos), nem o tipo de rede social (preferencialmente *Whatsapp* nos três grupos, com *Facebook* e do *Instagram* em segundo lugar). A única exceção curiosa é o uso do *Twitter*, bem maior nos grupos 2 e 3 (17% em ambos, sendo 0% no grupo 1). O gráfico 7 explicita esses valores de maneira mais visual.

**Quadro 7:** Redes sociais mais utilizadas nos grupos 1, 2 e 3 (*ranking* de escolha do R final).



Fonte: Elaborada pelas autoras.

A partir do fator de uso das redes sociais, buscamos observar se a ocorrência do fenômeno estava relacionada à escrita digital. Se o tivesse, haveria uma proporção entre maior utilização das redes e maior escolha do grafema R final em verbos flexionados. Porém, notamos que isso não ocorreu.

Façamos um resumo dos resultados elucidados neste estudo: os adultos, com ensino médio (completo ou incompleto), são os que tendem a escolher mais o R final em verbos flexionados (preferencialmente monossílabos, oxítonos), enquanto os jovens, em idade universitária (18 a 25 anos), ou com ensino superior (completo ou incompleto), são os que menos reconhecem o fenômeno. Curiosamente, são também esses os que mais usam o *Twitter*.

Acreditamos que o estudo universitário fixa mais a ortografia padrão, talvez pela quantidade de atividades de leitura e escrita em norma padrão nesses ambientes. E talvez o *Twitter*, por seu caráter exclusivamente verbal (sem imagens), esteja associado a esse maior grau de letramento.

## Considerações finais

Diante dos resultados apresentados e discutidos neste trabalho, podemos confirmar que o fenômeno do R final grafado em verbos flexionados existe, é recorrente e, portanto, relevante para a pesquisa linguística, em especial no que tange às suas implicações para a observação da relação entre fala, escrita e representação fonológica.

Os dados, obtidos por meio do questionário, foram importantes no sentido de desfazer dúvidas acerca da existência do fenômeno, o qual, apesar dos 31 *prints* coletados em sua primeira pesquisa (FERNANDES, 2016), ainda poderia ser considerado algum tipo de erro de digitação. No formato de formulário, mesmo tendo a possibilidade de escolha, quase a metade dos informantes optou por, pelo menos, um R final.

Vimos que, dos fatores intralinguísticos, verbos oxítonos e uma menor quantidade de sílabas são relevantes para a ocorrência do fenômeno. Já a relevância das terminações *-a(r)*, *-e(r)* e *-i(r)* foi refutada, uma vez que, em todas elas, tivemos números expressivos pela opção do R final. Dentre os fatores sociais, tivemos como relevante a idade (acima de 25 anos) e a escolaridade (abaixo do ensino superior) do informante. Já as redes sociais não se mostraram um fator relevante.

A existência do fenômeno e a sua relação com a tonicidade mostrou que há algum tipo de representação fonológica sendo acionada nessa recorrência do grafema R, que não tem correspondente na fala (o fone R não é pronunciado nos verbos flexionados), nem está presente na ortografia padrão. Pesquisas futuras sobre o tema podem se debruçar sobre essa esfera da representação fonológico-ortográfica que motiva o uso do R como uma espécie de diacrítico que marca a tonicidade (como o acento gráfico). Tais pesquisas poderiam também contemplar a existência de outras formas oxítonas monossílabas e dissílabas que não são verbos e que utilizam o R final, como *alor (alô)*, *olar (olá)* e *cafer (café)*, cujas formas encontramos esporadicamente nas redes sociais.

É possível que o R final em verbos flexionados (e mesmo em outras classes de palavras) esteja relacionado a uma perda de valor morfológico do R infinitivo, com um concomitante deslocamento para um valor fonológico do grafema, ou seja, uma marca gráfica que indica acentuação silábica em palavras oxítonas. Esse tema deverá ser mais explorado em estudos futuros, juntamente com a questão da representação fonológica desse tipo de sílaba acentuada e grafada com R. Interessante usar a observação da ortografia não padrão para compilar indícios de representações fonológicas. Ainda, uma investigação histórica pode trazer mais luz ao estudo da relação entre fala, escrita e representação fonológica do R no português brasileiro.

## "ONTEM EU NÃO SAIR": THE GRAPHEME R IN FLEXED VERBS' FINAL POSITION AS A MARKER OF TONICITY

**Abstract:** A recurrent orthographic phenomenon has been observed recently in Brazilian Portuguese: the occurrence of the grapheme R in final position of written flexed verbs (where there is no R in regular orthography nor in pronunciation). The present work aims at presenting the hypothesis that the occurrence of a final R in flexed verbs is not a case of hypercorrection, as it has been argued in the literature. In order to do so, we collected data by means of a controlled experiment carried out online in social media, in December 2018. It is our understanding that the final R in flexed verbs is being used as a diacritic marker of tonicity, such as graphic accents in Portuguese (´ and ` for example). The grapheme R in flexed verbs occurs preferably in short oxytones (one or two syllables) and is produced generally by people above 25 years old that do not hold University education. The phenomenon seems to be related to a phonological perception of tonicity marked with that grapheme. It is often seen with oxytone words of different grammatical classes other than verbs, such as in the written words *olar*, *vocer*, *sofar* and *cafer*.

**Keywords:** Orthography; Grapheme R; Hypercorrection; Tonicity.

### Referências

- BORTONE, M. E.; ALVES, S. B. O fenômeno da hipercorreção. In: BORTONIRICARDO, S. M. et al (Orgs.). *Por que a escola não ensina gramática assim?* São Paulo: Parábola, 2014.
- CALLOU, D; MORAIS, J.; LEITE, Y. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. *DELTA* [online]. v. 14, n. spe, 1998. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/43392>>
- CALVET, L-J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- CESAR, H. H. de F. Acréscimo do grafema /R/ em posição final de vocábulo: caso de hipercorreção. In: COELHO, F. A. C. et. al (Orgs.) *Descrição e ensino de língua portuguesa: temas contemporâneos*. Série Língua Portuguesa e Ensino. Volume 6. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2018.
- COSTA, G. B. O apagamento do rótico em coda silábica na escrita de estudantes catuenses. *Letra Magna*, v. 06, n. 10, 2009. Disponível em <<https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/magna/issue/view/147/199>>
- FERNANDES, V. dos S. *Um novo fenômeno ortográfico na escrita digital: o grafema r final em verbos flexionados*. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado em Humanidades, UFVJM. Diamantina, 2016.
- HOUAISS, A. Sobre alguns aspectos da recuperação fonética. In: SIMPÓSIO DE FILOGIA ROMÂNICA, 1., 1958, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: MEC, 1970.

LABOV, W. A hipercorreção pela classe média baixa como fator de mudança linguística. In: \_\_\_\_\_. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

TORRES, P. F de J., OLIVEIRA, J. M. de. O apagamento do -R no final de vocábulos em produções escolares na cidade de Feira de Santana - BA. *Cadernos do CNLF*, vol. XIX, n. 01, 2015.

*Recebido em 30 de março de 2023*

*Aceito em 25 de abril de 2023*